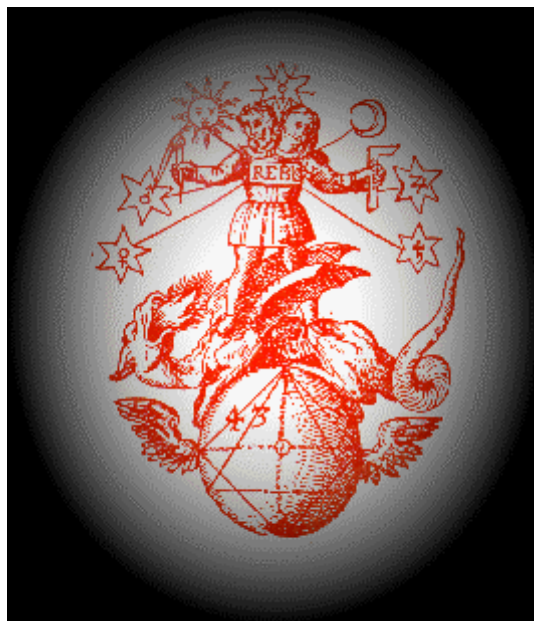

**RITUAL ALQUÍMICO SECRETO DO GRAU
DE VERDADEIRO MAÇOM ACADÊMICO**

POR

Dom Pernety

Composto em 1770



ESTE É O ÚNICO DOS ALTOS GRAUS HERMÉTICOS DA ACADEMIA DOS SÁBIOS DE AVIGNON. FOI COMPOSTO POR DOM PERNETY, RELIGIOSO BENEDITINO, ABADE DE BURGOL, NASCIDO EM ROBASSE EM 1716 E MORTO EM VALENÇA EM 1800.

GRAU DE VERDADEIRO MAÇOM ALQUÍMICO:

Neste grau a loja chama-se Academia; o Venerável chama-se Sapientíssimo, o Primeiro Vigilante, Primeiro Sábio, o segundo, Segundo Sábio e todos os demais, Irmãos Acadêmicos.

DECORAÇÃO DA LOJA:

A Academia será ornamentada de preto, com colunas brancas e vermelhas colocadas de distância em distância; será iluminada por três luzes colocadas em triângulo. O quadro da Academia será munido de todos os instrumentos necessários para o trabalho da Grande Obra.

ORNAMENTOS DOS ACADÊMICOS:

O avental deve ser forrado e bordado de vermelho, sobre a barra terá uma cruz com duas letras V.M., uma para cada lado, recoberta em ouro; no centro do avental haverá um sol com dez raios recoberto em ouro; nas laterais serão colocadas também as seguintes letras:

| | |
|------------|--------------------------|
| D C | (DEUS CRIA) |
| N P | (NATUREZA PRODUZ) |
| A M | (ARTE MULTIPLICA) |

As letras serão brancas bordadas em preto e vermelho. Todos os acadêmicos terão na mão direita uma baqueta de ferro.

A Jóia é levada em "comaglio" ou em "decusse" e será ligada a uma fita branca preta e vermelha. Encontram-se no fim deste ritual as figuras da grande e da pequena jóia, e aquela do quadro da Academia e do avental¹.

SINAL:

O primeiro é trazer a mão direita em esquadro sobre a boca; a resposta é fazer o mesmo com a esquerda, deixando cair sobre o ventre as duas mãos cruzadas e olhar o céu e a terra.

TOQUE:

O toque é pegando as duas mãos e beijando as duas faces e a fronte.

PALAVRA SAGRADA:

J E H O V A, que se pronuncia j.e.h.o.v.a.

¹Faltam os desenhos das duas últimas jóias no final do livro.

PALAVRA DE PASSE:

METRATON (inteligência que preside os metais).

O NOME:

O nome é AMATORE, que significa a inteligência que preside os metais.

A MARCHA:

Partir-se-á do ocidente tendo a mão esquerda em esquadro sobre a boca e empunhando com a direita a baqueta; avançando em direção ao oriente dar-se-á um passo de aprendiz, um de companheiro, e um de mestre; colocar-se-á os pés em esquadro, cruzar-se-á as mãos sobre o ventre e saudar-se-á o Sapiientíssimo e todos os acadêmicos à esquerda e à direita.

A ORDEM:

A ordem é de cruzar as mãos sobre o ventre, havendo a baqueta na direita.

A BATERIA:

Se batem dez golpes deste modo: 1.2.4.3.

(0, 00, 0000, 000)

ESTATUTO:

ART. 1

A Academia poderá conter um máximo de quinze (irmãos); terá suas sessões pelo menos uma vez por mês.

ART. 2

Nenhum maçom será admitido se não passou por qualquer grau filosófico, como o da Águia negra, do sol e da ROSA+CRUZ e se não for cristão discretamente sábio.

ART. 3

Cada acadêmico será obrigado, por turno, a fazer uma dissertação sobre um argumento proposto pela Academia, e as dissertações, como as deliberações, os discursos e recepções serão registradas e escritas nos caracteres maçons adotados pela Academia, os quais se encontram no final deste grau.

ART. 4

Cada acadêmico será obrigado sempre a levar consigo a pequena jóia da Academia e a apresentar-se pontualmente às sessões, a menos que afazeres indispensáveis o impeçam, e neste caso serão obrigados a dizer as razões que tiveram para ausentar-se, sob pena de três libras de ressarcimento em favor dos pobres.

ART.5

Haverá um tronco destinado para os ressarcimentos e uma caixa onde cada co-irmão será obrigado a colocar todos os anos um "Luigi" de 24K, para as manipulações, e onde os escritos da ordem serão fechados; este tronco e esta caixa terão 3 fechaduras, das quais uma chave estará nas mãos do Sapientíssimo, a outra com o primeiro Sábio e a terceira com o Segundo Sábio, e não poderão abrir-se senão quando a Academia estiver reunida.

ART.6

Se qualquer acadêmico adoece, todos os outros serão obrigados a visitá-lo uma vez por dia e a prestar todo o socorro espiritual do qual poderia ter necessidade.

ART.7

Um dos acadêmicos, vindo a falecer, cuidar-se-á de retirar-lhe as jóias, o avental, as luvas e os escritos, e em sinal da dor que será sentida se colocará no anel da jóia, de cada um dos acadêmicos, uma pequena rosa negra durante três meses; se observará de nunca cancelar do registro o nome do irmão defunto.

ART.8

Cerca de quatro dias depois do óbito de um acadêmico, todos os irmãos se apresentarão na Academia a fim de se indicar uma pessoa que deverá substituir

o defunto, e os acadêmicos, após haverem conferenciado entre si, darão o seu voto por escrutínio secreto e ninguém poderá ser admitido se não reunir em próprio favor todos os sufrágios.

ART.9

Após a eleição, o Sapiientíssimo encarregará um acadêmico de advertir o candidato sobre a escolha que a Academia fez dele, dir-lhe-á também para preparar um agradecimento a Academia pelo favor que esta lhe concedeu e fazer, ao mesmo tempo, o elogio do defunto do qual ele ocupará o posto.

ART.10

Neste grau não existem mais que três oficiais, isto é, o Sapiientíssimo, o Primeiro Sábio e o Segundo Sábio, todos os outros acadêmicos ocupam, por turno, e de acordo com a vontade do Sapiientíssimo, os outros cargos.

ART.11

A eleição dos oficiais realizar-se-á todos os anos, com maioria de votos, no dia de São João Evangelista, patrono da Academia. Estes não poderão ser confirmados nunca.

ART.12

Neste grau não se admite irmão servente; os dois últimos recebidos farão a função.

PRIVILÉGIO

Os acadêmicos, sendo únicos e verdadeiros Maçons, gozarão de todos os privilégios acordados para todos os outros diferentes graus da Maçonaria.

ABERTURA DA LOJA

Estando os acadêmicos ornados com seus aventais, com suas luvas, e com suas jóias e tendo em mãos suas baquetas, o Sapiientíssimo baterá com a sua um golpe, que será repetido pelos dois Sábios, e dirá:

“À ORDEM, SÁBIOS ACADÊMICOS !”

Estes tendo-a executado, o Sapiientíssimo perguntará ao Primeiro Sábio:

P - Primeiro Sábio, qual é o vosso dever?

R - Sapientíssimo, aquele de assegurar-me se os irmãos são verdadeiros maçons.

P - Faça o vosso dever.

O primeiro Sábio faz o giro da Academia, e exige de cada um o sinal, a palavra e o toque. Depois retorna ao seu lugar e diz:

R - Sapientíssimo, todos os irmãos aqui presentes são verdadeiros Maçons.

P - Segundo Sábio, qual é a vossa obrigação?

R - Sapientíssimo, é de assegurar-me que a Academia está resguardada dos olhos e dos ouvidos vulgares.

P - Cumpra-a.

O segundo Sábio permanecendo parado diz:

R - Sapientíssimo, podemos iniciar as nossas operações, estamos em segurança.

P - Primeiro Sábio, a que hora se abre a Academia?

R - Sapientíssimo, a qualquer hora.

P - Os materiais estão prontos?

R - Sim, Sapientíssimo.

O SAPIENTÍSSIMO:

— Visto que todos os irmãos presentes são verdadeiros Maçons, que estamos resguardados dos olhos e ouvidos vulgares, que a Academia se abre à qualquer hora e que os materiais estão prontos, Primeiro e Segundo Sábios anunciai à todos os acadêmicos que a Academia está aberta e que estamos para começar as nossas operações.

Então, o Sapientíssimo bate os golpes que o Primeiro e Segundo Sábios repetem; faz-se o sinal; diz-se:

“Glória, louvor e honra ao Criador. Paz, bênção e prosperidade aos verdadeiros Maçons.”

E as mãos estando cruzadas sobre o ventre, faz-se respectivamente uma grande reverência, e depois o Sapientíssimo bate um golpe, que o Primeiro e o Segundo Sábio repete, e diz:

— Primeiro e Segundo Sábio, perguntem aos acadêmicos se têm qualquer coisa para propor para o bem da Academia.

O acadêmico que deve fazer a dissertação levanta-se e faz a leitura, depois da qual os acadêmicos aplaudem batendo dez vezes as mãos.

O acadêmico responde com o mesmo número, e a Academia tendo posto em deliberação a matéria que deverá tratar-se na sessão seguinte, o Sapiientíssimo a propõe em voz alta aquele que deve ser encarregado de tratá-la, e todos juntos examinaram o trabalho, e colocaram tudo em regra; se tem uma recepção para fazer o Primeiro Sábio diz:

— Sapiientíssimo, tem um filósofo Maçom na câmara de preparação que a Academia julgou digno de ser admitido entre nós.

O Sapiientíssimo pede novamente o consenso da Academia, que deve manifestá-lo batendo a baqueta sobre o pavimento.

RECEPÇÃO:

O consenso tendo sido dado, o Sapiientíssimo incumbe um dos acadêmicos para preparar o candidato; este, tendo saudado o Sapiientíssimo e os acadêmicos, sai da Academia, e vai ao encontro do candidato e lhe diz:

— Filósofo, estás vós sempre com a disposição de alcançar o grau de verdadeiro Maçom?

Se aquele responde sim, lhe é ordenado despojar-se de todos os metais, deixar o seu paletó, a sua capa, seus sapatos e de dobrar as mangas da camisa sobre o braço, as mãos são atadas atrás das costas, os olhos vendados, é conduzido pelo braço à porta da Academia e bate como verdadeiro Maçom.

O primeiro Sábio diz ao Sapiientíssimo:

— Bate-se à porta como verdadeiro Maçom.

O Sapiientíssimo diz ao Primeiro Sábio para solicitar a um Acadêmico para ver o que é.

Este, tendo batido na porta os golpes, e depois de haver repetido, abre e diz:

— O que desejam? Deixem-nos operar!

O preparador responde:

— Vos conduzo o candidato que foi admitido na Academia, tenham a bondade de anunciá-lo ao Sapiientíssimo e aos acadêmicos.

O encarregado fecha a porta, coloca-se à ordem entre os dois Sábios, saúda o Sapiientíssimo e diz:

— Sapiientíssimo, o preparador nos conduz o candidato que admitimos.

O Sapiientíssimo diz:

— Ordenai o seu ingresso se está em ordem.

O encarregado, tendo saudado o Sapiientíssimo e os acadêmicos, vem à porta, bate como verdadeiro Maçom e os golpes tendo sido repetidos pelo preparador, abre a porta e diz ao Sábio Preparador:

— Faça entrar o candidato se está em ordem.

Então, o preparador o introduz, leva-o ao ocidente entre os dois sábios a um passo de distância em direção ao Oriente; ele deve ter uma terrina (o que não é praxe, a não ser no dia da recepção) onde será colocado o espírito do vinho, do mercúrio e do sal que se acenderá e unicamente fará clara a Academia. O Sapiientíssimo dirá, pois, ao candidato:

P - Filósofo Maçom, o que pedistes?

R - Sapiientíssimo, peço para ser admitido na vossa Augusta Academia, se me julgais digno.

P - Sábios Acadêmicos, julgais vós o candidato digno de ser admitido entre nós?

Todos os acadêmicos terão o cuidado de observar um profundo silêncio durante toda a recepção, baterão juntos as suas baquetas sobre o pavimento.

(Batem-se as baquetas sobre o pavimento). Isto tendo sido feito, o Sapiientíssimo diz ao primeiro Sábio:

— Pois que a Academia julga o candidato digno de ser admitido entre nós, fazei-o viajar em círculo, em esquadro e em triângulo.

Cumpridas as três viagens, coloca-se o candidato no oriente e o Sapiientíssimo ordena ao Primeiro Sábio que lhe desvende os olhos e que o faça ponderar sobre a terrina. Todos os acadêmicos estarão à ordem neste momento. Depois do candidato haver ponderado durante quatro minutos sobre a terrina, o Sapiientíssimo ordenará ao primeiro Sábio que o conduza aos pés do trono para prestar o seu juramento.

Tendo ali chegado, colocar-se-à de joelhos e repetirá com o Sapiientíssimo a seguinte obrigação:

OBRIGAÇÃO:

— Prometo, com palavra de honra e sob pena de ter os lábios trancados e o ventre aberto, de nunca revelar direta ou indiretamente, a quem quer que seja, os mistérios que estão para me serem revelados. O grande Jehova me tenha na sua santa e potente custódia.

Todos os acadêmicos responderão. Amém.

Quando o candidato presta a sua obrigação todos os acadêmicos devem posicionar-se em torno dele e colocar as baquetas sobre sua cabeça. Quando da obrigação prestada, todos os Acadêmicos retornam aos seus lugares; e o Sapiientíssimo desamarra as mãos do candidato dizendo-lhe:

— Pelos poderes que recebi e pelo consenso da Academia, vos constituo verdadeiro Maçom e vos permito de gozar de todos os privilégios acordados neste augusto grau.

Dá-lhe, portanto, o sinal, a palavra e o toque, a idade, o nome, condecora-o com as jóias, com o avental, com as luvas, com a baqueta e lhe ordena a fazer-se reconhecer por todos os acadêmicos. Isto feito se estende o Quadro (da loja) sobre o pavimento e põe-se três candelabros em triângulo; faz-lhe dar os três passos, e tendo tomado lugar a direita do Sapiientíssimo, pronuncia o seu discurso, ao qual o Sapiientíssimo responde com o seguinte discurso:

DISCURSO DO SAPIENTÍSSIMO:

“— Sábio acadêmico, a ciência na qual vos é ora iniciado, confiando-vos o grau de verdadeiro Maçom, é a mais antiga das ciências. Deus a criou ordenando o caos; esta é a mais universal, todas as outras recebem desta os seus princípios; esta é a mais necessária; sem esta o homem não é nada mais do que trevas, doenças e misérias; esta é emanada da natureza, ou melhor, é esta a natureza mesma aperfeiçoada mediante a arte; esta é fundamentada sobre a experiência. Esta teve os seus adeptos em todos os séculos, e também nos nossos dias uma multidão de artistas sacrificam em vão os seus bens, os seus trabalhos e o seu tempo, isto porque, longe de imitar a nobre simplicidade que a caracteriza e de seguir as vias retas que esta lhes traça, estes a oneram com um fardo que esta não pode suportar e se perdem no labirinto para onde uma louca imaginação lhes arrasta; as brincadeiras picantes as quais os profanos que, sem respeito a Deus, sem atenção pela natureza, sem estima pela arte, dirigem aos nossos mais sérios mistérios; as sátiras grosseiras destes ignorantes muito pesados pelos próprios sentidos para elevarem-se à sublimidade dos nossos conheci-mentos, blasfemam sobre tudo aquilo que não podem compreender;

disto o apressado ridículo destes indolentes os quais, a menos que um espírito hábil e uma mente laboriosa não faça por estes a despesa da descoberta e do trabalho, desprezam tudo aquilo que não têm nem a força de imaginar nem a coragem de executar; disto enfim os panfleteiros injuriosos destes temerários, que com uma ousadia plena de má fé, ousam colocar a verdade de sua ciência hermética ao nível das invenções humanas, das superstições populares, sem outro motivo que não seja o desejo de invalidar a autenticidade e a impossibilidade de destruir o testemunho.

Abandonemos os filhos das trevas e estes inimigos de si próprios e toda a vergonha de suas vãs e inconseqüentes idéias; voltemo-nos aos verdadeiros filhos da luz e sinceros amigos da humanidade que vêm nos seus ensinamentos e nas suas práticas a verdade claramente enunciada.

Saboreemos duradouramente goles de doçura que esta nos apresenta; gozemos com reconhecimento das vantagens que esta nos dirige, e animados por um único e santo entusiasmo não cessemos de exaltar a onipotência e a misericórdia infinita de Deus, que se compraz em humilhar os grandes e elevar os humildes.

Não esperais todavia, Sábio Acadêmico, que nós vos aplaine todos os obstáculos que se encontrarão nesta ciência; isto seria ofender a sua sagacidade. Nos aplicamos em dirigir os vossos estudos e indicando-vos as fontes às quais deveis atingir, vos colocamos sobre o reto caminho que deveis manter.

Não me resta senão exortar-vos a seguir o caminho do grande homem cuja presença nos foi tão cara e tão útil e cuja recordação nos será para sempre preciosa. Os seus talentos e suas virtudes ganharam os nossos sufrágios, e mereceram os vossos elogios, a sua perda causará sempre saudade e nossas lágrimas. Que o grande Jehova se digne em lançar sobre vós um olhar favorável e de fazer-vos marchar com paciência e perseverança na penosa mas sábia carreira que estais para empreender; estes são os votos que a Augusta Academia vos faz e que felicita-se de ter-vos (entre os seus) e que vos considera para sempre um dos mais caros colaboradores.

O Primeiro Sábio vos dará agora a explicação do quadro.

Portanto eu vos farei a instrução.

Prestai um ouvido atento; vós aprendereis em um e em outro a nobreza dos vossos direitos, a extensão dos vossos deveres e a grandeza de vossas esperanças.”

EXPLICAÇÃO DO QUADRO:

“— Vós vedes antes de tudo, Sábio Acadêmico, no alto do quadro um triângulo luminoso com um grande J no meio; o triângulo representa um Deus em três pessoas e o grande J é a letra inicial do nome inefável do Grande Arquiteto do Universo; o círculo tenebroso significa o caos que Deus criou no início; a Cruz que se encontra dentro significa a luz por meio da qual se desenvolve; o quadrado significa os quatro elementos que resultam; o triângulo, os três princípios que a mistura dos elementos produz.

O que circunda o círculo estrelado designa o firmamento; o círculo estrelado são as águas que Deus colocou sob o Firmamento e o círculo estrelado designa o firmamento ou o céu que vemos; o outro grande círculo com os signos e os planetas, denota o Zodíaco; o círculo do centro, a água e a terra; a cruz que lhe está acima significa que o mesmo Deus que criou o Universo com a sua onipotência resgatou-o com a sua bondade; as quatro figuras que lhe estão acima são emblemas do ar e dos quatro ventos.

O homem, o sol e a planta que se vê sobre a face da terra são a imagem dos três reinos da natureza, isto é, o animal, o mineral e o vegetal, que por meio do fogo elementar e do fogo central o orvalho coloca em agitação contínua, atingindo a sua perfeição; as duas letras mais altas significam que **Deus Cria**; aquelas que estão abaixo, que a **Natureza Produz**; e as mais inferiores, que a **Arte Multiplica**.

O altar dos perfumes nos indica o fogo que precisa dar à matéria; as duas torres, os dois fornilhos, o úmido e seco com os quais precisa operar; o tubo no qual se deve procurar o grau do fogo que se deve dar; a "Boule", o ovo de Carvalho que deve circundar o ovo filosófico; aquilo que está sob a baqueta serve para remover os materiais; e as duas figuras dos crisóis com uma Cruz sobre montada, não são outra coisa que o vaso da natureza e aquele da arte no qual se deve fazer o duplo matrimônio da Fêmea branca com o seu servidor vermelho, e deste duplo matrimônio nascerá um Rei assaz poderoso.”

Nota: o Primeiro Sábio deve ainda fazer a explicação filosófica do grau de Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom.

INSTRUÇÃO:

P - Quem sois?

R - Sou verdadeiro Maçom.

P - Dái-me provas?

R - Faz-se o sinal, se dá a palavra e o toque.

P - O que significa o vosso sinal?

R - Que eu consinto de ter meus lábios lacrados e o ventre aberto se não cumpro com meu compromisso.

P - O que quer dizer a vossa palavra sagrada?

R - O nome inefável de Deus.

P - E a vossa palavra de Passe?

R - É o nome da inteligência que preside aos metais.

P - O que pretendeis significar com o vosso toque?

R - A amizade e a sabedoria que devem reinar entre os acadêmicos.

P - Quais são as verdadeiras qualidades de um verdadeiro Maçom?

R - Deve ser cristão, discreto, caridoso e sábio.

P - Qual é o objetivo de um verdadeiro Maçom?

R - Trabalhar a pedra triangular.

P - Quem é o vosso Pai?

R - Hermes.

P - Quais são os vossos irmãos?

R - Os amadores.

P - Quais são os vossos mestres?

R - Os adeptos.

P - Como vos chamais?

R - Amador.

P - Que idade haveis?

R - Já faz muito tempo que não conto mais.

P - Como fois recebido?

R - Sem nenhum metal, sem paletó, sem capa, sem sapato e com as mangas da camisa dobradas sobre o braço, os olhos vendados e as mãos amarradas às costas.

P - Por que sem metais?

R - Porque um verdadeiro artista não deve servir-se destes para atingir seus objetivos.

P - Por que sem paletó, sem capa, sem sapato e as mangas da camisa dobradas sobre o braço?

R - Porque um verdadeiro artista deve estar sempre pronto a trabalhar e não ter nada que possa atrapalhá-lo.

P - Por que os olhos vendados e as mãos amarradas às costas?

R - Para indicar que estava nas travas mais profundas antes de ser agregado a vossa Academia e na impotência de trabalhar segundo as regras da arte.

P - Vos foi dada a luz?

R - Sim, Sapientíssimo, a mistura dos três princípios iluminou-me.

P - Sabeis operar?

R - Sim, Sapientíssimo, sei agitar a baqueta, manipular os materiais e lutar o vaso.

P - Sobre o que se apoia a vossa Academia?

R - Sobre três colunas.

P - Como se chamam?

R - Fé, Esperança e Caridade. A Fé deve preceder a ação, a Esperança acompanhá-la e a Caridade segui-la.

P - O que significa os dez golpes que bateis entrando na Academia?

R - O número perfeito.

P - Por que dizeis que o dez é o número perfeito?

R - Porque o número dez encerra simultaneamente a unidade de Deus, da qual tudo foi criado, e o caos do qual tudo o que existe foi produzido; aquele que for tão afortunado de compreender o que é este nome na aritmética formal, conhecerá a natureza esférica que tem o número dez, saberá - refiro a Pico Della Mirandola - o segredo da quinquagésima porta da inteligência e do grande jubileu, da milésima geração e do reino de todos os séculos que os cabalistas chamam "en soph", ou a própria divindade sem véus.

P - Me expliqueis o que quer dizer a vossa jóia e as cores da fita na qual está pendurada, a cruz e as duas letras que estão sobre a barra do vosso avental, o sol que está no centro as letras que estão aos dois lados e a cor vermelha com a qual é forrado e bordado (1).

R - A jóia é a figura do mercúrio, do enxofre e do sal; as cores da fita e das luvas representam as três cores principais que comparecem no regime; a cruz que está sobre a barra do avental, a luz; as duas letras que estão ao lado da cruz, verdadeiro Maçom; o sol do centro, o ouro; as letras já foram

explicadas. Enfim, a cor vermelho papoula com a qual o avental é forrado e bordado, de-signa a perfeição da pedra filosofal, como o negro denota a putrefação e o branco a sublimação.

(1) Não é indicada a cor de fundo do avental, mas é certamente o branco como se deduz do fato que as cores da fita são branco, preto e vermelho. No avental o preto é dado pelas letras.

P - De onde vindes?

R - De ter percorrido o céu e a terra.

P - O que haveis visto?

R - O caos.

P - Quem o criou?

R - Deus.

P - Quem o produziu?

R - A natureza.

P - Quem o aperfeiçoou?

R - Deus, a natureza e a arte.

P - O que entendeis por caos?

R - A matéria universal sem forma suscetível de cada forma.

P - Qual é a sua forma?

R - A luz aprisionada na semente (origem, princípio) de cada espécie.

P - Qual é o seu ligame?

R - O espírito universal ácido.

P - Sabeis trabalhar a matéria universal?

R - Sim, Sapientíssimo.

P - Do que vos servis para isto?

R - Do fogo interno e externo.

P - O que resulta?

R - Os quatro elementos que são ditos princípios imediantes.

P - Como se chamam?

R - Fogo, ar, água e terra.

P - Quais são as suas qualidades?

R - O quente, o seco, o frio e o úmido. Duas destas unidas a cada elemento. Isto é, a terra com seco e frio; a água com frio e úmido; o ar com úmido e quente; e o fogo com quente e seco, portanto este vem unir-se com a terra, porque os elementos são circulares como o vento, o nosso pai Hermes.

P - O que produz a mistura dos quatro elementos e de suas qualidades da qual tudo é constituído?

R - Os três princípios principiantes mediatos.

P - Quais os nomes dados a eles?

R - Mercúrio, enxofre e sal.

P - O que entendeis por mercúrio, enxofre e sal?

R - Entendo o mercúrio, o enxofre e o sal filosóficos e não os vulgares.

P - O que é o mercúrio filosófico?

R - É uma água e um espírito que dissolve e sublima o sal.

P - O que é o enxofre?

R - É um fogo, uma alma que o guia e o colore.

P - O que é o sal?

R - É uma terra e um corpo que se congela e se fixa, e tudo se faz mediante o veículo do ar.

P - O que deriva destes três princípios?

R - Os quatro elementos duplos, como diz Hermes, ou os grandes elementos, segundo Raimundo Lullo, que são o mercúrio, o enxofre, o sal e o vidro, dos quais dois são voláteis, a saber a água e o ar que é o óleo, pois todas as substâncias líquidas pela sua natureza evitam o fogo e a terra pura, que é o vidro sobre o qual o fogo não tem mais ação com o raio ou afins, a menos que não se sirva do licor ALKAEST, pois considerando que cada elemento consiste de duas qualidades, estes grandes elementos duplos: mercúrio, enxofre, sal e vidro, participam dos dois elementos simples, ou melhor dizendo, de todos os quatro elementos, mais ou menos em um ou em outro, o mercúrio tendo mais água, à qual é atribuído, o óleo ou o enxofre do ar, o sal do fogo e o vidro da terra, que se encontra pura e limpa no centro de todos os compostos elementares e é a última a revelar-se livre dos demais.

P - Onde residem os quatro elementos e os três princípios principiantes mediatos?

R - Em todos os mistos, mas mais proximamente e mais potentemente em alguns mais do que em outros.

P - O que entendeis por misto?

R - Os animais, os vegetais e os minerais.

P - Quem dá aos mistos o movimento, o sentimento, o nutrimento e a substância?

R - Os quatro elementos: o fogo dá o movimento, o ar dá o sentimento, a água o nutrimento e a terra a substância.

P - Para que servem os quatro elementos duplos?

R - Para gerar a pedra filosofal se é bastante talentoso para dar a eles o fogo apto e controlá-lo segundo os pesos da natureza.

P - Qual é o grau do fogo?

R - De trinta e duas horas para a putrefação, de trinta e seis para a sublimação e quarenta para a perfeição.

P - Que entendeis por peso da natureza?

R - Entendo que dez partes de ar fazem uma de água, que dez de água fazem uma de terra e dez de terra fazem uma de fogo, seja pelo símbolo ativo de um, que pelo o passivo do outro, por meio do qual se faz a conversão dos elementos (assim, na grande obra precisa colocar dez partes de mercúrio filosófico sobre uma de sol ou de lua).

P - Como se atinge este fim?

R - Com a solução e a coagulação.

P - O que significam estas palavras?

R - Que precisa dissolver os corpos e congelar o espírito.

P - Como se fazem estas duas operações?

R - Com o banho úmido e com o banho seco.

P - Quais são as cores que aparecem neste regime?

R - As principais são o negro, o branco, o azul e o vermelho, que designam os quatro elementos (o negro, a terra; o branco, a água; o azul, o ar; o vermelho; o fogo), e nas quais estão inclusos grandíssimos segredos e mistérios.

P - Quais os instrumentos que se devem empregar nesta grande obra?

R - O banho úmido, o banho seco, os vasos da natureza e da arte, o oco do carvalho, o “lutrina sapientae”, o selo de Hermes, o tubo, a lâmpada física e a baqueta de ferro.

P - Quanto tempo leva para aperfeiçoá-la?

R - Sete e dez meses filosóficos, segundo o Cosmopolita.

P - Que vantagens se obtém?

R - Existem de duas espécies: a primeira refere-se ao espírito e a segunda ao corpo; aquelas do espírito consistem em conhecer a Deus, a natureza e a si próprio; aquelas do corpo são as riquezas e a saúde.

P - Parece que me haveis dito de ter percorrido o céu e a terra?

R - Sim, Sapiientíssimo.

P - O que entendeis com isto?

R - Quis indicar com o céu o mundo inteligível que se divide em dois, a saber o paraíso e o inferno, e com a terra o mundo sensível que também se divide em dois, a saber, o celeste e o elementar.

P - Não têm talvez cada um destes duas ciências que lhes são peculiares?

R - Perdoe-me Sapiientíssimo, uma é vulgar e trivial e a outra mística e secreta; o mundo inteligível tem a nossa teologia e a cabala; o celeste a astrologia e a magia, e o elementar a fisiologia e a alquimia que traz a luz com as suas resoluções e separações do fogo, os mais ocultos e selados segredos da natureza dos três géne-ros compostos. Esta última ciência, nós a também denominamos ciência hermética ou operações da Grande Obra.

P - Quais são as fontes que se pode atingir com esta última ciência?

R - As mais puras são Hermes Trismegisto, isto vale dizer "três vezes grande", Geber, Arnaldo Vilanova, Raimundo Lullo, Basílio Valentim, Bernardo o Conde Trevisano, o Presidente D'Espagnet, Cavaliere, as figuras de Abraão e o Judeu e de Michele Maier, e muitos outros que vos faremos conhecer em seguida.

P - Por que dizemos que a Academia se abre a qualquer hora?

R - Porque a grande obra se pode começar em todos os tempos e em todas as estações.

P - Por que dizemos “que a Academia se feche no instante que segue sete e dez”?

R - Porque depois deste termo não resta mais nada a fazer dado que a grande obra está acabada.

O Sapiientíssimo diz:

“— Eis, ó Sábio Acadêmico, aquilo que o Primeiro Sábio e eu tínhamos a dizer-vos para a vossa instrução; todos nós esperamos que vós fareis o vosso estudo principal, e que nós não teremos outro que a felicitar-nos todos os dias pela conquista que fizemos vendo o rápido progresso que fareis nesta ciência divina, único e verdadeiro escopo da franco maçonaria. Isto não está ao alcance do vulgo, este não poderá nunca penetrar os nossos mistérios e os nossos trabalhos porque estes não estão ao alcance de sua estúpida e profunda ignorância; faça com que a vossa discrição não decepcione e, pelo contrário, possa ultrapassar aquela de quem cujo o posto ocupais; prosseguis sobre o seu caminho e vos tornareis perfeito.

Nós temos motivos para crer que ele lhe servirá de modelo e que o vosso progresso em geral, pelo menos, o igualaram.

Nós ousamos esperar que a vossa assiduidade a tudo será surpreendente e nos confirmará na opinião favorável que tivemos a vosso respeito; nós esperamos que vós não a desmentirais; é isto, esperamos vosso zelo e vossa ambição nesta sublime ciência; desejo que o grande Hermes Trismegisto vos ajude com suas luzes e coopere com a vossa perfeição.”

FECHAMENTO DA ACADEMIA:

P - Primeiro e Segundo Sábios, perguntem a todos os Acadêmicos se não têm mais nada a dizer pelo bem da Academia e se estão satisfeitos.

O Primeiro e Segundo Sábio havendo executado a vontade do Sapiientíssimo e todos os acadêmicos havendo batido suas baquetas sobre o pavimento para sinalizar que não têm mais nada à dizer e que estão satisfeitos, então, o Sapiientíssimo, dirigindo-se ao primeiro Sábio, diz:

P - Primeiro Sábio, o trabalho está ordenado?

R - Sim, Sapiientíssimo.

P - A que horas termina o trabalho?

R - No instante que segue os sete e os dez.

P - Que horas são?

R - É o instante que segue os sete e os dez.

O Sapiientíssimo diz:

“— Primeiro e Segundo Sábios, eis que o trabalho está ordenado e termina no instante que segue os sete e os dez, e nós enfim, tendo chegado a este término, é tempo de repousarmos e de gozar dos frutos da nossa operação. Anunciais, pois, que a Academia está para ser fechada.”

Então bate os dez golpes, que o Primeiro e o Segundo Sábio repete, e anuncia o fechamento da Academia.

Faz-se o sinal, saúda-se respectivamente e se diz em conjunto:

“— Glória e louvor ao Criador, paz, bênção e prosperidade aos verdadeiros Maçons.”

FÓRMULA DA PATENTE:

Do Oriente do Sol que nunca perdemos de vista nos trabalhos; no ano da Maçonaria... no dia... ao meio dia.

P. P. PACE

Nós chefe da Augusta Academia erigida sob a proteção de S. João Evangelista, atestamos pelo número dez, do qual conhecemos a perfeição e a extensão, de haver condecorado em um lugar santo, com o título de Verdadeiro Maçom, o irmão N. N. pela potência hermética da qual estamos investidos, mandamos a todos os irmãos Maçons dispersos sobre a superfície da Terra e da "Onda", de reconhecê-lo como tal e de deixá-lo gozar em paz de todos os privilégios ligados e devidos ao seu grau.

Dando fé, de que assinamos todos e assinado pelo nosso secretário a presente Patente, que timbramos com o selo do nosso brasão e que não lhe foi entregue senão somente depois de havê-lo contrafirmado de próprio punho.

Que o grande Jehova dê saúde a todos aqueles que lhe da-rão boa acolhida, e que estes recebam de mim em nome da nossa augusta Academia a grande bênção que Isaac a deu a seu filho Jacob.

Firma do Sapiientíssimo f.. NN V.M.

Pelo mandato da augusta Academia

F NN V.M. Secretário

Nota: As fitas às quais o selo é colado devem ser preta, branca e vermelha.

BACHETTE:

A mesa deve ser redonda e deve ser iluminada por quatro candelabros colocados em quadrado; está será servida sobriamente.

O Sapiientíssimo e o Primeiro e Segundo Sábio colocaram-se de modo a formar um triângulo.

Não haverá outros brindes obrigatórios do que aqueles pelo Rei, pelo Sapiientíssimo, pela Academia e por todos os Adeptos e amadores e pelo recém-recebido.

O brinde se fará deste modo:

O Sapiientíssimo baterá um golpe com a sua baqueta: então todos os acadêmicos encheram seus copos. Ao segundo golpe, levaram a mão ao copo; ao terceiro golpe levaram a altura da boca; ao quarto beberam; ao quinto o recolocarão a altura da boca; ao sexto farão um círculo; ao sétimo um quadrado; ao oitavo um triângulo; ao nono o recolocarão à altura da boca e ao décimo o colocarão todos juntos sobre a mesa.

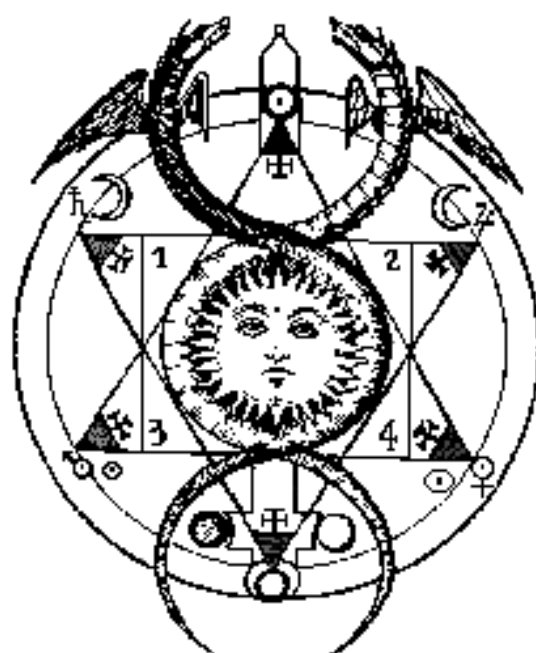
Se observará um profundo silêncio durante os três primeiros brindes; depois se poderá falar mas com decência. A garrafa chama-se recipiente; o copo crisol; o pão o trabalho; o vinho, o elixir vermelho ou branco de acordo com a cor; a água, o mercúrio; o azeite, o enxofre; o sal, o sal; o vinagre, o dissolvente; a pimenta, absorvente; a colher, espátula; o garfo, o tridente; a faca, o viscador; o guardanapo, o avental; os pratos fundos, grande terrinas; os pratos rasos, pequenas terrinas; a sopa o cimento; os crustáceos, os materiais; o assado, o reino animal; o acompanhamento, o reino mineral; a sobremesa, o reino vegetal.

Nota: O brinde ao Rei se pronuncia em pé diferentemente dos outros.

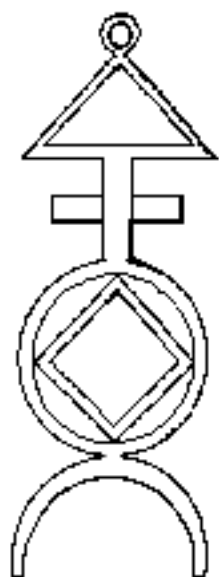
FIM

Alfabeto Académico

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| A | B | C | D | E | F |
| ○ | ∇ | ∇ | ⊗ | □ | ℳ |
| G | H | I | L | M | N |
| ∇ | ∇ | △ | ∇ | ◇ | η |
| O | P | Q | R | S | T |
| ⊙ | ♀ | ♀ | Λ | ⊗ | ♂ |
| ⊐ | ⊗ | Υ | z | & | |
| ⊙ | ⊗ | ℓ | ℓ | ℓ | |



Gran Gioiello



Piccolo Gioiello

